

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
12 de Março de 2024
RAÚL RUIZ – A IMAGEM ESTILHAÇADA (parte II)

COFRALANDES: RAPSODIA CHILENA 3 / MUSEOS Y CLUBS DE LA REGIÓN ANTÁRCICA / 2002

Um filme de Raul Ruiz

Argumento: Raul Ruiz / *Imagem (mini-dv, cor):* Inti Briones e Raul Ruiz / *Música:* Jorge Arriagada, Alfonso Leng, René Amengual / *Montagem:* Jean-Christophe Hym, Raul Ruiz / *Som:* Santiago Vergara / *Interpretação:* Bernard Pautrat (o escritor francês), Raul Ruiz (narração).

Produção: Ministério da Educação do Chile e RR Producciones, com a colaboração de Gemini Films e Margo Films / *Cópia:* digital (suporte original) versão original com legendas eletrónicas em português / *Duração:* 64 minutos / *Estreia mundial:* Festival de Montréal, 30 de Agosto de 2002 / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.*

Neste terceiro episódio de **Cofralandes**, o mais breve, Ruiz leva-nos constantemente num jogo entre a fantasia e a realidade e, por este motivo, a fusão/confusão entre o Chile e “Cofralandes” é nítida, como se os museus e clubes anunciados no título do episódio - e nele mostrados - não emanassem da realidade chilena, mas da imaginação de algum argumentista ou escritor: o Chile é aquilo que é e Cofralandes é aquilo que vêem Raul Ruiz, o seu personagem de viajante francês, *meu semelhante, meu irmão*, e o espectador. Ruiz extrai alguns fragmentos da realidade e insere-os no seu filme, transformando e reconfigurando esta realidade. Unidos pelo olhar de Ruiz e do personagem do escritor francês que percorre o Chile, estes espaços e estas pessoas dispersas, que na assim chamada realidade não se tocam nem se conhecem, tornam-se uma outra realidade: a da imaginação cinematográfica, que funde o olhar do realizador e o do espectador. Do ponto de vista geográfico, por mais que saibamos que o mundo não tem centro, estamos no fim do mundo em **Cofralandes** (o extremo sul do Chile, onde se situa a segunda cidade mais meridional do mundo, Punta Arenas, confina com a Antártica) e entramos neste espaço que parece um tanto irreal, talvez porque visto por um estrangeiro. Ruiz joga com habilidade com aquilo que se vê e aquilo que é evocado pela palavra e o tom natural com que são mostradas certas coisas um tanto surpreendentes torna-as surpreendentemente naturais. O resultado pode ser mais eficiente a nível da relação do realizador e do espectador com o insólito do que em certas ficções de Ruiz, em que ele procura deliberada e artificialmente estabelecer um ambiente insólito: aqui basta-lhe contemplar aquilo que o cerca. E pela primeira vez nesta tetralogia Ruiz joga com o espaço e o tempo: neste filme cujo título menciona a região antártica, ou seja, o sul do país, começa-nos por mostrar uma cidade situado no centro-norte, La Serena, sobre cujo presente pairam ecos do passado: o narrador especula sobre perigos do passado, sobre o perigo que representavam para aquela cidade anódina e pacífica em séculos passados.

Uma coleção, seja do que for, é um rol de coisas reunidas e a reunir, pois nenhuma coleção é completa nem pode ser levada a termo e, por definição, um museu é uma coleção de coleções, uma série de listas de objetos. Para alguns, aquilo que está num museu está morto, para muitos, pelo contrário, está vivo porque acessível. Ruiz mostra-nos um museu cuja coleção é “plausível” numa lógica museológica tradicional (algumas culturas indígenas), outro divertidamente inesperado, um museu do sanduíche, que contém exemplo de sanduíches já desaparecidos, num enfoque verdadeiramente museológico (enquanto o guia dá explicações, os visitantes, com uma vela na mão,

respondem em coro como na igreja); outro ainda, é o insignificante inventário de tudo aquilo que um indivíduo deixou, inclusive todos os restos de unhas que aparou ao longo dos anos, conservados numa caixa. Um terceiro museu tem um dispositivo “normal” (noção um tanto incongruente num filme de Raul Ruiz), com quadros e objetos diversos (entre os quais um boneco que se parece ao próprio Raul Ruiz e que, talvez por este motivo, seja mostrado com algum vagar, pois o realizador tem humor), ao passo que um quarto está simplesmente vazio, com espaços fantasmas e o seu edifício tornou-se um ponto de “engates”, uma coleção permanentemente renovada de homens e mulheres à procura de outros homens e mulheres. Como no episódio anterior, ouvimos o enunciado de algumas listas: como num *cadavre exquis*, de “*coisas que lembram a bandeira chilena*” (o resultado é uma insólita relação de livres associações, que pouco parecem ter a ver com as cores e as formas do estandarte) e uma lista de “*coisas que voam*”, ilustrada pela técnica tipicamente literária da acumulação, que inclui pessoas que esperam por discos voadores e por extra-terrestres, numa cidade onde, segundo o viajante francês, “*tem-se a impressão que o ar nos puxa para cima*”. Mesmo levando-se em conta o que há de deliberadamente arbitrário nas escolhas do realizador, tudo flui e se encadeia. Num trecho que, mais uma vez, vem lembrar-nos que o jovem Raul Ruiz (e, esperamos, o da maturidade também) era grande admirador do *teatro do absurdo*, em particular Ionesco, há uma enorme fila na rua, à porta de um edifício, na qual ninguém sabe porque está ali a fazer fila e que acaba por se defrontar com outra fila, igualmente sem motivo desconhecido, que vem em sentido contrário para entrar no mesmo edifício (ambas são ordeiras e continuam em ordem mesmo depois de todos se aperceberem que não fazem sentido, que não têm razão de ser). O título deste episódio de **Cofralandes** faz alusão à existência de clubes, que são uma forma de museus, posto que reúnem indivíduos que buscam ter um ponto em comum: vemos assim um clube inofensivo e peculiar, um grupo de homens todos chamados Rafael, sentados numa sala de aulas, como crianças bem-comportadas, cada qual com uma maçã em cima da carteira, como num filme de ficção americano – a naturalidade com que se comportam torna a situação perfeitamente cômica. Numa passagem abertamente cômica, que retoma um trecho do primeiro episódio, um gago declara que quer cantar (se isto é possível numa ópera de Mozart, por quê não na realidade chilena?), mas não tenta fazê-lo.

No entanto, o desenlace deste terceiro episódio de **Cofralandes** nada tem de cômico. Vemos demoradamente um rio que flui, milenar símbolo da passagem do tempo, e um cantor popular em grande plano que evoca nada menos do que o fim de tudo, do tempo e do espaço, evoca o ato de “*tocar a trombeta do fim do mundo*”. Segue-se um *fondue*, a imagem torna-se inteiramente negra e o homem continua a cantar, como se o fim de tudo já tivesse chegado. Neste sentido, tem razão o crítico Massimo Causo ao observar que neste filme Ruiz, “*por uma vez, faz-se insolitamente frágil, quase «infantil» nas suas deslocações, ele que costuma ocupar com uma lucidez invasiva cada recanto. Cofralandes, pelo contrário, é uma obra que se espalha na redescoberta de um espaço, frágil ao (re)presentar o sítio onde se está, mas forte ao coordenar a hipótese de um estar que já não pertence a lugar algum*”.

Antonio Rodrigues